

O CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 48000 reis; SEMESTRE 23500; TRIMESTRE 12500; AVULSO 50 reis.
COM ESTAMPILHA: ANO 62140; SEMESTRE 26070; TRIMESTRE 13035; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumscrição de receber o jornal sem o dever de importação responsável pela importância do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SÁBADOS

Sabado 11 de Setembro de 1886

PUBLICAÇÕES: Correspondentes particulares: linha 40 reis. Anunciantes: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. As inserções de publicidade ou de avisos de assistência são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados à redação, sejam ou não publicados não se devolvem.

NÚMERO 3522

É um dos nossos correspondentes em Paris Monsieur A. Lorette. — Rue S.º Anne, 51.

ESMOLA

para as vítimas do incendio na Costa da Torreira. — Transporte: 307\$300

Qualquer doador deve ser dirigido ao ex.º e rev.º sr. Conde Arcipreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal. O produto desta subscrição será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser, por este sr. distribuída proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam neste pavoroso incendio.

SUMARIO:—O SR. MINISTRO DA GUERRA.—A PROPOSTA DE DITADURA.—ORGANIZAÇÃO DO CONTENCIOSO E DA GUARDA FISCAL.—OBRAS MUNICIPAES.—REMISSÃO DE RECRUTAS.—CORTES.—NOTÍCIAS LOCAES.—NOTÍCIAS DE VIZINHA.—NOTAS DE LONGE.—CORREIO DO SUL.—SCIENCIAS.—FOLHETIM.—O GATO DA VISINHA, por Gervasio Gama.—COMUNICADOS.—ARADESCOS E MINUTARIAS.—PARTE OFFICIAL.—TELEGRAPHIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

O SR. MINISTRO DA GUERRA

Está em Aveiro o nobre ministro da guerra. Foi recebido na gare do caminho de ferro por muitos funcionarios e por grande numero de cidadãos que se honram por o terem como correligionario politico. A recepção não foi aparatosa, mas com compensação foi cordal. Não houve bandeiras, nem grinaldas a decorar as ruas do transitio, mas não lhe faltaram os testemunhos de respeito e da consideração que todos votam á lealdade do seu cardeal, e á probidade inconfusa, que foi sempre braço do seu nome.

Aveiro estava em dívida com o sr. visconde de S. Januario, e vimos que não esqueceu os serviços que s. ex. lhe tem prestado na construção da obra gloriosa, que todos ali veem e aplaudem. E os maiores não foram as demonstrações, devese isso a circunstancia de estarmos á vontade da grande maioria da sua população. Aveiro está por assim dizer nas estações balnearias do seu exiloso litoral. Não podia por tanto fazer recepção condigna do homem que hoje hospeda, mas no que fez não destoou das suas gloriosas tradições.

O sr. visconde de S. Januario é progressista convicto. Era historico, quando assim se denominava o partido que tinha por chefe o duque de Loulé. Aderiu ao pacto da Granja, que juntou nos mesmos arraiaes duas frações do grande partido constitucional, que até então caminhavam separadas para o mesmo fim. Ministro da coroa, serve o paiz e a liberdade com a sua proverbial dedicação. Honrado com a confiança do seu partido, é incapaz de faltar ao cumprimento dos seus deveres como homem de estado, como politico e como cidadão. É o que se chama um bom cardeal. Muito tem a esperar d'ele as instituições militares. Ha de deixar nome honrado no departamento em que superintende, como deixou em 1881 no ministerio da marinha e colonias.

A PROPOSTA DE DITADURA

Continuamos a extrair do *Jornal da Noite* o que elle pensa e diz sobre a actual situação politica.

Todos os governos tem violado a constituição do estado na sua disposição mais essencial e mais sagrada: as cortes não são a representação nacional; as cortes que se constituem são uma usurpação feita ás cortes legittimas; o chamado poder legislativo não é, por que esse poder deriva-se do mandato dos povos, e os que o exercem não recebem o mandato senão dos governadores civis, dos administradores dos concelhos, e dos regedores de paróquia. Os governos, por meio dos seus agentes, nomeiam quem lhes apraz, para deputados, e lhes mais diffcil nomear um representante do povo, e os que o exercem não recebem o mandato senão dos governadores civis, dos administradores dos concelhos, e dos regedores de paróquia. Os governos, por meio dos seus agentes, nomeiam quem lhes apraz, para deputados, e lhes mais diffcil nomear um representante do povo, e os que o exercem não recebem o mandato senão dos governadores civis, dos administradores dos concelhos, e dos regedores de paróquia.

Antes a ditadura na pelle descoberta do que a ditadura encapotada, dissimulada, subrepticia, traiçoeira. A ditadura não pode ser admitida quem não apresente carta de um curador superior. Requerem a admissoo diferentes individuos com a habilitação legal. Ha um porém que não tem curador superior. É o protegido do ministro. O ministro manda que seja admitido. Procede-se ao concurso. O protegido do ministro é classificado entre os ultimos. O ministro despatcha-o.

Que nos dizem d'esta ditadura? E as doutrinas promissoras? Quando for o poder farei tudo que o sr. quizer.

ram elles que, sem necessidade reconhecida, derao o exemplo. Mas agora são os primeiros a censurar o que ainda ha dois annos merecia os seus mais calorosos applausos!

Que fô podem por tanto inspirar as suas dissertações em prol da legalidade? Que valor tem os seus protestos de respeito á constituição?

ORGANIZAÇÃO DO CONTENCIOSO E DA GUARDA FISCAL

O *Diário* publicou hontem o decreto, assinado em 29 de julho ultimo, sobre a organização do contencioso e da guarda. O decreto é acompanhado pelo seguinte relatório.

Senhôr.—A reorganização dos serviços das alfândegas, operada pelos decretos de 17 de setembro de 1885, se bem que concorreu para melhorar e aperfeiçoar os serviços fiscaes, carece contudo de ser revista e remodelada em algumas das suas partes, que mais vivas reclamações despertaram, quer por parte do commercio, quer pelo parlamento e imprensa, periódica e de outros defeitos, uma praxia de, bas-tantes mezes tem já posto em evidencia.

Entre os decretos d'aquella data, pareceu ao governo que mais urgente e inadiável reforma exigiam os decretos publicados sob os n.ºs 4 e 5, que dizem respeito á guarda fiscal e ao contencioso fiscal.

É obvia a necessidade instante de por todas as formas se prevenir e evitar a pratica de contrabandos e descaminhos, mas é também obrigação impreterivel dos poderes publicos o fixarem principios e regras, que não só garantam aos accusados a mais ampla defesa, mas assegurem também a reconhecida competência d'aquelles a quem forem distribuídas as melindrosas e difficis funções de julgador.

Pensa o governo de vossa magestade que este duplo fim se consegue com a criação dos tribunales especiaes do contencioso fiscal, que submete á régia aprovação.

O sistema de ponderação, que presidia á organização d'esses tribunales, contém uma valiosa garantia, tanto para o fisco como para o commercio, que ficam representados nos mesmos organos, pelos diretores das alfândegas de Lisboa e de Porto, e este por membros das respectivas associações commerciaes, completando-se com a existencia d'um auditor fiscal, bacharel em direito, com a pratica da administração da justiça, condições estas que asseguram a sua competência e saber profissional.

Os diretores das alfândegas de Lisboa e do Porto, cujas attribuições propriamente de administração demandam já uma actividade e energia pouco vulgares, ficam aliviados do trabalho de instrução e exclusivo julgamento dos processos do contencioso fiscal, em numero avultadissimo, e cuja importância e valor não é preciso encarecer. D'esta forma melhor poderão de futuro fiscalisar e dirigir os serviços de despacho nas suas casas fiscaes, sendo ainda coadjuvados n'essa parte pelos auditores, a quem se dão também funções consultivas.

Organisa-se o tribunal especial do contencioso fiscal da segunda instancia, em substituição do antigo conselho da administração geral das alfândegas, em bases tão perfectas e analogas ás adoptadas para os tribunales de primeira instancia, e codificando-se n'um só diploma muitas das disposições dos decretos (n.ºs 5) de 17 de setembro e 30 de dezembro de 1885, que a praticou tem demonstrado uteis e salutaras, alteram-se algumas penalidades e normas de processo por elles estabelecidas, atendendo-se assim ao que é justo ás reclamações apresentadas pelas associações commerciaes, e por alguns commerciantes e carregadores do porto de Lisboa.

A organização da guarda fiscal em bases tanto quanto possivel semelhantes á do exercito, sem contudo se prejudicar o serviço especial de fiscalisação, a que a mesma guarda principalmente se destina, é principio, cuja utilidade e conveniencia ninguém pôde em duvida. Mas ao governo de vossa magestade parece que o decreto n.º 47 de 17 de setembro de 1885, não satisfaz completamente a semelhança intuitiva.

A existencia dos antigos inspectores da fiscalisação externa das alfândegas, gosando d'uma graduação militar, ao lado dos commandantes dos novos batalhões da guarda fiscal, com autoridade e funções quasi paralelas, parece uma inutil duplicação, e constitue uma origem permanente de conflitos e de desavenças entre o pessoal superior da mesma guarda.

É também opinião do governo que, se as atuais unidades de commando para os fins administrativos e militares devessem ser conservadas, melhor fiscalisação se conseguiria, destacando para cada serviço especial, com caracter de permanencia, a fracção que parecer necessaria á guarda fiscal, subordinada superiormente ás commissões de fiscalisação á autoridade responsável pelo resultado dos mesmos serviços.

Eliminados, pois, os inspectores e sub-inspectores dos quadros da guarda fiscal, e creados os inspectores aduaneiros, com attribuições analogas ás dos inspectores da

fazenda, sem funções permanentes de commando, e sem residencia fixa, mais eficaz e proveitosa será a ação d'elles nos serviços temporarios, que directamente lhes sejam incumbidos pela administração geral das alfândegas, tendo em vista as especiaes aptidões e capacidades por elles manifestadas.

Por estas considerações, os ministros de Vossa Magestade esperam que merecerá a régia aprovação o seguinte projecto de decreto.

Artigo 1.º É aprovada, para ter força de lei, a nova organização do contencioso fiscal, que faz parte d'este decreto, e baixa assignada pelos ministros e secretarios de estado dos negocios da justiça e fazenda.

Art. 2.º O governo procederá á reorganisação da guarda fiscal, conservando-lhe o caracter militar, mas separando dos seus quadros e suprimindo os lugares de inspector e sub-inspector, e creando-se seis inspectores aduaneiros, que ficarão subordinados á administração geral das alfândegas e contribuições indirectas, desempenhando funções analogas ás dos inspectores da fazenda, creados por decreto de 23 de julho de 1886.

§ unico. Nesta reorganisação não poderá o governo exceder as verbas actualmente votadas para os serviços da guarda fiscal.

Art. 3.º Fica revogada toda a legislação em contrario, devendo o governo dar conta ás cortes das disposições d'este decreto que careçam de sanção legislativa.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e os ministros e secretarios de estado de todas as repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 29 de julho de 1886.

Rel. José Luciano de Castro — Francisco Antonio da Veiga Barão — Mariano Cirilo de Carvalho — Visconde de S. Januario — Henrique da Macedo — Henrique de Barros Gomes — Emidio Julio Navarro.

OBRAS MUNICIPAES

No *Diário do Governo* foi publicada a seguinte portaria:

Convidando regularmnte o processo que deve ser seguido quando as camaras municipaes, nos termos do artigo 83.º da organização dos serviços, sequencias de obras publicas, aprovada por decreto, com força de lei de 24 de julho ultimo, precisam do requizito ao ministerio das obras publicas, commercio e industria, pessoal tecnico para estradas ou quaesquer trabalhos de construção, determina sua alzeza o principe real, regente em nome do rei, que as requizitos do dito pessoal sejam remetidos pelas alidades corporações aos directores das obras publicas dos distritos, os quaes, com a sua informação, as enviaram ao governo, ficando estes funcionarios autorizados, sem prejuizo da conformação superior, a fornecer, desde logo, o pessoal requizitado, avendo-o disponível na direção, quando o serviço para que for pedido seja de duração inferior a oito dias.

Paço, em 2 de setembro de 1886.

Emylio Julio Navarro.

REMISSÃO DE RECRUTAS

Le-se no *Diário do Governo*:

Tendo em vista o disposto no § 2.º do artigo 55.º da lei de 27 de julho de 1885, e bem assim o preceito do § 1.º do artigo 1.º do decreto de 19 de maio de 1884, que restabeleceu a remissão do serviço militar autorizada pela lei de 4 de junho de 1859, e considerando que se deve reputar igualmente revogada pelo citado decreto a disposição do artigo 9.º da referida lei de 4 de junho de 1859, que só permite a substituição de homem a homem, e unicamente depois do alistamento dos manobres recrutados, por isso que são estes os termos e os preceitos que completam a economia d'esta mesma lei: hei por bem, em nome d'el-rei, decretar o seguinte:

Artigo 1.º É fixado, nos termos da legislação em vigor, na quantia de reis 480\$000 para os simples recrutados, e na de 480\$000 reis para os refratarios, o preço das substituições dos recrutados do exercito e da armada no ano corrente, para todos os effectos dos artigos 55.º, 57.º unico e 59.º § unico da lei de 27 de julho de 1885, e 12.º e 13.º da lei de 4 de junho de 1859.

Artigo 2.º O preço da remissão dos recrutados do dito anno de 1886 é igualmente fixado, nas mesmas quantias de 480\$000 reis para os simples recrutados e de 480\$000 reis para os refratarios, na conformidade do que está prescrito no artigo 7.º da supra citada lei de 4 de junho de 1859.

Artigo 3.º São permitidas unicamente as substituições nos corpos do exercito ou da armada depois do respectivo alistamento dos manobres recrutados, nos termos do citado artigo 9.º da lei de 4 de junho de 1859, e por effecto das disposições do mencionado decreto de 19 de maio de 1884.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 31 de agosto de 1886.

Príncipe regente — José Luciano de Castro.

CORTES

Ata da sessão real extraordinária para o juramento de S. A. o principe real, como regento do reino.

Presidencia do sr. conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Melo.

Pelas 5 horas da tarde coupo a cadeira da presidencia, como presidente da camara hereditaria, o sr. conselheiro Fontes Pereira de Melo, e em seguida foi declarada aberta a sessão, estando presentes 53 dignos pares e 74 srs. deputados.

Em conformidade com o programa d'este acto solemne, foi nomeada a grande deputação de pares e deputados para ir esperar no vestibulo do palacio das cortes sua alzeza o principe real e o condestable do reino, o serenissimo infante D. Afonso, e acompanhá-los até á sala da sessão real.

As 5 horas e um quarto da tarde entrou o principe real n'esta sala, tendo a sua chegada ao vestibulo sido annunciada por uma salva de artilheria das fortalezas e dos navios da guerra nacionaes.

Depois das diferentes dignidades que formavam o cortejo terem tomado os seus respectivos lugares, e ter sido descoberto o trono, a que subiu o principe real, foram-lhe apresentados pelo presidente, conjuvado por um mogo fidalgo, os Sagrados Evangelhos, sobre os quaes jurou na forma da constituição, e nos seguintes termos:

«Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino. Juro igualmente guardar fidelidade á rei e ao sr. D. Luiz I, e entregar-lhe o governo logo que regresso ao reino.»

Findo o juramento, sua alzeza o principe real dirigiu ás camaras a seguinte allocução:

«Dignos pares e senhores deputados do reino portuguezo. Tendo-se assumido do nação sua majestade el-rei D. Luiz, meu muito amado e prezado pai, assumi a regencia, que as leis me conferem. Pretendo eu a juramento constitucional, e gostosamente cumprio hoje o solemne dever de o renovar perante a representação nacional. Com o auxilio da Providencia, e da vossa cooperação, vou trabalhar pela prosperidade do reino, pelas instituições liberas que nos regem, e pelo bem de sempre. Os sagrados deveres que me impoem, meu juramento, e a faga votos pelo taliz da nação, bem como guardar fidelidade á rei e ao sr. D. Luiz I, e entregar-lhe o governo logo que me for chamado a regresso ao reino. O meu mais augusto senhor regresso ao reino, e observado ás disposições das leis, as cortes gerarem fides certas de que sua alzeza real ha de cumprir religiosamente quanto prometter em seu juramento, como antes d'ello o estarem já, pelo conhecimento que tem do alto e nobre caracter de vossa alzeza real e das preciaes qualidades que adornam o seu esclarecido espirito.»

«Que seu majestade el-rei D. Luiz I volte ao reino com felicidade, auxiliado do favor da Divina Providencia, e o desejo ardente da nação portugueza, que eu n'este momento solemne tenho a honra de exprimir em nome dos seus legittimos representantes.»

Findo este discurso, sua alzeza real declarou fechada a sessão e saiu da sala precedido da mesma deputação e cortejo determinado no programa, eram 5 horas e tres quartos da tarde.

Novas salvas de artilheria annunciaram a saída de sua alzeza real do palacio das cortes. A guarda de honra fez as continências do estillo.

Ministro da guerra.—Chegou hoje a esta cidade, no comboio do correio ascendente, ás 7 horas e meia da manhã, o nobre ministro da guerra, sr. visconde de S. Januario, acompanhado do seu ajudante, do sr. Avelar Machado, deputado da nação, do sr. tenente-coronel Gouveia Osorio, inspector de engenharia d'esta cidade, e do sr. tenente de engenharia Cerveira, fiscal do governo junto das obras do quartel da cavalaria 10. Até á estação d'esta cidade acompanharam-no os srs. barão de Corvellos, governador civil substituto de Coimbra, e Oliveira Matos, radador do *Tribuna Popular*.

Apesar do quasi despojavamento da cidade, em virtude da emigração para as praias, e da doença, felizmente sem gravidade, do sr. governador civil Manoel Firmino, a recepção foi brilhante e numerosamente concorrida.

Aguardavam s. ex. na gare da estação do caminho de ferro, e coronel e toda a officialidade do regimento de cavalaria 10; os srs. dr. Masso, secretario geral representando o sr. governador civil; Araújo Silva, director das obras publicas; Almeida Vilhena, recebedor da camara; Diniz Kopke, inspector da fazenda do distrito; dr. Barbosa de Magalhães, presidente da

comissão executiva da junta geral; Cordeiro d'Almeida, capitão do porto; Prazeres, director telegrapho-postal do distrito; Fernando de Vilhena, fiel da direcção telegrapho-postal; dr. Sobreiro, administrador do concelho; conego-arcipreste José Candido, prior da Gloria; padre Manuel Pereira, prior da Vera-Cruz; Pereira da Cruz, sub-delegado de saúde; Daniel de Barros, capitão-tenente da armada; Vilas Boas Salgado, major de infantaria reformado; Correia de Souza, official da repartição de fazenda do distrito; Fernandes Tomaz, chefe da delegação da alfândega; Marques Gomes, Francisco do Magalhães e Firmino de Vilhena, redactores d'este jornal; dr. Joaquim de Melo, 1.º official do governo civil e radador da *Epoca*; Santos Freire, professor de ensino complementar da freguezia da Vera-Cruz; Piqueiro e Silva, chefe da secção hidrographica das obras da barra; dr. Marques Tavares, conservador da camara; Palé, coronel do estado maior de infantaria; Miguel da Silva Carreira e Francisco Augusto da Paixão, aspirantes da repartição de fazenda do distrito; Silva Carvão, secretario da administração de concelho; Simões Franco, chefe da repartição da junta geral; Pinto de Souza, fiscal do governo junto dos caminhos de ferro; dr. Manoel Guimarães, conservador da camara d'Elvas; Luiz de Melo, recebedor da camara d'Angra; Torres da Mota, chefe de distrito fiscal; Alves da Rosa, chefe da secção distrital do real d'agua; e muitos outros cavalheiros, cujos nomes nos não recorda.

A chegada do comboio subiu ao ar uma grande girandola de foguetes, e uma foga de cavalaria apresentou armas, e a charanga do regimento e a flaramanca *Aveirense* tocaram o hino real.

Foi o cumprimento do estillo, o sr. ministro da guerra, o seu ajudante, o sr. Avelar Machado e o nosso colega Almeida Vilhena entraram n'uma das carruagens postas á disposição da s. ex. pelo sr. governador civil, e seguidos de grande numero de carregados e do estado maior e foga do regimento, formando todos um lozilo cortejo, atravessaram a cidade até ao hotel *Cygné do Yonny*, onde o nobre ministro se achá hospedado.

Depois de jantar, partirá no comboio ascendente das 7 horas da tarde para o Porto, d'onde segue para a praia da Apulia, onde tem s. ex. esposa.

No numero seguinte daremos d'esta honrosa visita os pormenores que a escassez do tempo e do espaço nos não permitem hoje.

Universario.—Paz hoje a s. ex. sr. D. Maria Emilia Seabra de Castro, digna esposa do sr. conselheiro José Luciano de Castro, illustre chefe do partido progressista e actual presidente do conselho de ministros.

Os nossos parabens a s. ex. e a sua ex.ª familia.

Apontamentos de carteira.—Visitamos na quarta-feira o nosso prezado amigo o sr. Antonio Cantos, dignissimo chefe da secretaria da Misericórdia de Vizeu.

Passaram aqui, na quarta-feira á noite, em direcção á Lisboa, onde foram assistir á sessão real das cortes, os nossos distitissimos correligionarios, os srs. dr. Castro Matos, conde de Castelo de Paiva, dr. Fernandes Vaz e dr. Correia de Barros.

Esteve alguns dias em Aveiro o nosso amigo o sr. Firmino de Almeida Brito, que veio de Lisboa a Vagos visitar sua ex.ª familia.

Tem estado n'esta cidade o nosso respeitavel amigo o sr. commandador Antonio Joaquim Homem de Macedo Junior.

Esteve na quinta-feira n'esta cidade acompanhado de seus ex.ªs esposas e sobrinhas, o sr. José Nunes da Silva Sobrinho, acreditado negociante e capitalista d'Elvas. S. ex. veio de visita á familia dos nossos amigos srs. Melos Guimarães.

O sr. Silva Sobrinho é um homem simpatico, laborioso e bemquisto, devendo a fortuna que possui exclusivamente á sua excelente orientação e actividade. Demorou-se aqui apenas algumas horas, vendo q'ha de mais notavel, como o jardim, tualto, quartel de Sá, a barra e o farol. E n'este mesmo dia regressou no comboio da tarde á praia d'Espinho, onde se achá em uso de banhos.

Também aqui tem estado o nosso estimavel amigo e patreio o sr. Jaime Clemente de Moraes Sarmiento, excelente rapaz e optimo funcionario, exercendo com dignidade e cargo de escrivão de fazenda de um dos bairros do Porto.

O sr. Moraes Sarmiento regressa hoje, em companhia de sua esposa, á praia de Espinho.

Estão em Espinho os illustres e respeitaveis marquezes da Graçiosa, com seus filhos os nobres condes de Poz d'Almeida, e viscondes de Proença.

Partiram para a Granja os srs. condes da Borralha, e seus irmãos, o dis-

tingido poeta o sr. Fernando Caldeira e o sr. Eduardo Caldeira.

Cavalaria 10.—Regressou o sr. Proença, digno cirurgião-mór. Também chegou aqui o sr. Mascarenhas Valle, muito digno capitão.

Azilo de José Estorvão.—A solicitação d'este benéfico estabelecimento acaba de adotar uma resolução louvavel, alugando nova casa para o mesmo azilo. Atenta a circumstancia do mal estar das aziladas, e a impossibilidade d'ello continuar onde estava, a direcção teve de arcar com o enorme sacrificio de alugar, mas arranjo uma boa casa na rua do Rato, onde o vai estabelecer comoda e confortavelmente, esperando muito do favor das almas generosas para quem vai confiadamente apelar.

A mesma benemerita direcção também, como prova de gratidão pelos relevantes serviços prestados ao mesmo pio estabelecimento pelo nosso estimavel patreio, o sr. Antonio da Silva Melo, Guimarães, residente no Rio de Janeiro, mandou tirar-lhe o retrato, para expor na sua sala. Louvamos a lembrança da direcção, porque o sr. Melo tem sido o promotor de continuar a ser ali um desvelado protector do nosso azilo.

Festividade e romaria.—Verificou-se na quarta-feira na capelinha do bairro piscatorio a festa á Senhora das Fieiras, tendo vespere com musica, fogo preso, iluminação e lindos balões aerostaticos, e festa d'egreja, no dia, e arraial, que esteve muito concorrido de tarde. Assistiu a flaramanca *Aveirense*.

O S. Paio.—Na concorrida praia da Torreira teve lugar a alfama romaria do S. Paio, com uma ruidosa vespere, tanto no arraial, como á borda do mar, onde o bem conhecido e estimado arraes Sebolão fez uma vistosa iluminação, leve duas muizetas e queimou muito o variado fogo preso e do ar. No dia houve as costumadas festas religiosas. A concorrência de romeiros foi enorme, animando o largo areal com os seus descanços e animadas danças populares. A formosa praia apresentava um belo panorama, singrado por numerosos barcos á vela, com os seus garlandes e bandeiras a flutuar á mercê da brisa.

Depois do almoço, o sr. visconde foi inspecionar o regimento no seu quartel provisório, foi ver depois as obras do novo quartel que a camara anda construindo no S.º, visitou o sr. governador civil Manoel Firmino, cujo estado de saúde o deitara em casa, e foi em seguida passear á barra.

Finda a allocução de sua alzeza, o ilustre presidente proferiu a seguinte allocução:

Serenissimo senhor! As cortes geras ouviram respectuosamente e gravaram na memoria o juramento solemne, que vossa alzeza real acaba de prestar, de manter a religião catholica, apostolica, e romana, a integridade da patria, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza, e mais leis do reino. Juro igualmente guardar fidelidade á rei e ao sr. D. Luiz I, e entregar-lhe o governo logo que me for chamado a regresso ao reino. O meu mais augusto senhor regresso ao reino, e observado ás disposições das leis, as cortes gerarem fides certas de que sua alzeza real ha de cumprir religiosamente quanto prometter em seu juramento, como antes d'ello o estarem já, pelo conhecimento que tem do alto e nobre caracter de vossa alzeza real e das preciaes qualidades que adornam o seu esclarecido espirito.

Que seu majestade el-rei D. Luiz I volte ao reino com felicidade, auxiliado do favor da Divina Providencia, e o desejo ardente da nação portugueza, que eu n'este momento solemne tenho a honra de exprimir em nome dos seus legittimos representantes.

Findo este discurso, sua alzeza real declarou fechada a sessão e saiu da sala precedido da mesma deputação e cortejo determinado no programa, eram 5 horas e tres quartos da tarde.

Novas salvas de artilheria annunciaram a saída de sua alzeza real do palacio das cortes. A guarda de honra fez as continências do estillo.

Ministro da guerra.—Chegou hoje a esta cidade, no comboio do correio ascendente, ás 7 horas e meia da manhã, o nobre ministro da guerra, sr. visconde de S. Januario, acompanhado do seu ajudante, do sr. Avelar Machado, deputado da nação, do sr. tenente-coronel Gouveia Osorio, inspector de engenharia d'esta cidade, e do sr. tenente de engenharia Cerveira, fiscal do governo junto das obras do quartel da cavalaria 10. Até á estação d'esta cidade acompanharam-no os srs. barão de Corvellos, governador civil substituto de Coimbra, e Oliveira Matos, radador do *Tribuna Popular*.

Apesar do quasi despojavamento da cidade, em virtude da emigração para as praias, e da doença, felizmente sem gravidade, do sr. governador civil Manoel Firmino, a recepção foi brilhante e numerosamente concorrida.

Aguardavam s. ex. na gare da estação do caminho de ferro, e coronel e toda a officialidade do regimento de cavalaria 10; os srs. dr. Masso, secretario geral representando o sr. governador civil; Araújo Silva, director das obras publicas; Almeida Vilhena, recebedor da camara; Diniz Kopke, inspector da fazenda do distrito; dr. Barbosa de Magalhães, presidente da

comissão executiva da junta geral; Cordeiro d'Almeida, capitão do porto; Prazeres, director telegrapho-postal do distrito; Fernando de Vilhena, fiel da direcção telegrapho-postal; dr. Sobreiro, administrador do concelho; conego-arcipreste José Candido, prior da Gloria; padre Manuel Pereira, prior da Vera-Cruz; Pereira da Cruz, sub-delegado de saúde; Daniel de Barros, capitão-tenente da armada; Vilas Boas Salgado, major de infantaria reformado; Correia de Souza, official da repartição de fazenda do distrito; Fernandes Tomaz, chefe da delegação da alfândega; Marques Gomes, Francisco do Magalhães e Firmino de Vilhena, redactores d'este jornal; dr. Joaquim de Melo, 1.º official do governo civil e radador da *Epoca*; Santos Freire, professor de ensino complementar da freguezia da Vera-Cruz; Piqueiro e Silva, chefe da secção hidrographica das obras da barra; dr. Marques Tavares, conservador da camara; Palé, coronel do estado maior de infantaria; Miguel da Silva Carreira e Francisco Augusto da Paixão, aspirantes da repartição de fazenda do distrito; Silva Carvão, secretario da administração de concelho; Simões Franco, chefe da repartição da junta geral; Pinto de Souza, fiscal do governo junto dos caminhos de ferro; dr. Manoel Guimarães, conservador da camara d'Elvas; Luiz de Melo, recebedor da camara d'Angra; Torres da Mota, chefe de distrito fiscal; Alves da Rosa, chefe da secção distrital do real d'agua; e muitos outros cavalheiros, cujos nomes nos não recorda.

A chegada do comboio subiu ao ar uma grande girandola de foguetes, e uma foga de cavalaria apresentou armas, e a charanga do regimento e a flaramanca *Aveirense* tocaram o hino real.

Foi o cumprimento do estillo, o sr. ministro da guerra, o seu ajudante, o sr. Avelar Machado e o nosso colega Almeida Vilhena entraram n'uma das carruagens postas á disposição da s. ex. pelo sr. governador civil, e seguidos de grande numero de carregados e do estado maior e foga do regimento, formando todos um lozilo cortejo, atravessaram a cidade até ao hotel *Cygné do Yonny*, onde o nobre ministro se achá hospedado.

Depois de jantar, partirá no comboio ascendente das 7 horas da tarde para o Porto, d'onde segue para a praia da Apulia, onde tem s. ex. esposa.

No numero seguinte daremos d'esta honrosa visita os pormenores que a escassez do tempo e do espaço nos não permitem hoje.

Universario.—Paz hoje a s. ex. sr. D. Maria Emilia Seabra de Castro, digna esposa do sr. conselheiro José Luciano de Castro, illustre chefe do partido progressista e actual presidente do conselho de ministros.

Os nossos parabens a s. ex. e a sua ex.ª familia.

Apontamentos de carteira.—Visitamos na quarta-feira o nosso prezado amigo o sr. Antonio Cantos, dignissimo chefe da secretaria da Misericórdia de Vizeu.

Em seguida o ex.º visconde de S. Januario dirigiu-se para a cidade em coche descoberto, em companhia do sr. governador civil substituto, vindo também um grande numero de carruagens.

Apocando-se á porta do quartel da Graça, visitou-o. Dizem-me que esta casa lhe causou desagradavel impressão. Depois saiu, e foi visitar o convento de Sant'Ana, destinado ao novo quartel, e, segundo se disse, s. ex. prometteu mandar ali fazer desde já as obras necessarias para o aquartelamento do regimento 23.

Regressando d'ali á noite, o nobre visconde de S. Januario hospedou-se no hotel dos caminhos do ferro, principiando o jantar ás 8 horas, tocando durante ele a excelente banda regimental, que é uma das melhores de todo o paiz, para o que muito contribuiu a reconhecida competência e assiduidade do distincto mestre que a dirige, o sr. Bernardo da Associação, e a pericia dos cavalheiros que a compoem.

O nobre ministro da guerra andou sempre acompanhado do valente commandante e officialidade do regimento do sr. governador civil interino, barão de Fátima, e do sr. secretario-geral.

O sr. visconde de S. Januario, pelas suas maneiras delicadas e atenciosas, o pelo seu trato llano e despretencioso, cativou aqui as maiores sympathias e muita veneração.

O grande desastre na romaria do Vizeu.—O *Progresso do Norte*, periodico que se publica em Vila Real, traz os seguintes pormenores do grande desastre ocorrido na noite de 4 do corrente, na romaria de Nossa Senhora do Vizeu, na povoação de Fontes, concelho de Santa Marta de Penaguião:

Sabado á noite, na povoação de Fontes, concelho de Santa Marta de Penaguião, d'este distrito, houve uma medonha catastrofe que deixou enlutadas muitas familias.

Era vespere da romaria da Senhora do Vizeu, e os romeiros assistiam alegres, cantando e dançando, ao arraial que tinha lugar o'essa noite.

Todos sabem o que é uma festa do aldeia, quaes os seus atractivos e belezas; por isso desnecessario é aqui descrever, e muito menos agora que só temos a falar de lagrimas e de dores.

Comegára, havia pouco, o fogo. A cada tiro de dinamite que atirada o espaço e a cada fogote de lagrimas que illuminava todo aquele mar de cabeças, succedia um sussuro prolongado, em que toda aquella gente dava livre expansao á sua alegria e contentamento.

N'isto, sem que ninguém tivesse da do por qualquer circumstancia que podesse de sobressaer os romeiros, ouvese uma detonação surda, arripadora, seca, acompanhada do estrondoso desmoronamento de paredes e do desabar de muros! Todos ficaram atordados; e os primeiros momentos nem um al, um gemido sequer se ouviu. Tal foi o choque atordador que em todos produziu. Porém depois, depois, só se ouviram gritos lancinantes, gemidos e dolorosos lamentos, a par d'uma doída e indelivel confusão em que se haviam perdido os maridos das esposas, os paes dos filhos, e os irmãos dos irmãos.

Serenados os espiritos, restabelecida a ordem no meio de lancham cabos, appareceu a terrivel verdade. Nada menos de dez cadaveres juncavam ao solo, além de dezenas e dezenas de pessoas que se achavam prostradas, umas feridas gravemente e outras com ferimentos de menor importancia.

Entre os feridos contam-se: o alferes Barros, command

A viagem de el-rei. — O nosso colega de *Comercio de Portugal* publica as seguintes informações com respeito à estada de S. M. el-rei em Berlim:

Ante-onde (24 de agosto), pela manhã, el-rei foi assistir aos exercícios da guarda, no campo de Tempelhof. O imperador e o príncipe imperial acompanharam-no para ver manobrar uma brigada de cavalaria e tres ou quatro regimentos de infantaria. Estes exercícios repetem-se diariamente como preparativos para a grande paráda que terá lugar no 1.º de setembro. Como já tinha anunciado, depois foi el-rei jantar a Babelsberg com SS. MM.

Babelsberg é uma casa de campo moderna, de estilo gótico, perto de Potsdam, rodeada de lindos jardins, que custaram muito dinheiro e custam ainda bastante para manter em bom estado, por causa da má qualidade do terreno, que é um areal. S. M., acompanhado de seu segredo e do pessoal da legação, chegaram em trem especial, ás 3 horas e meia, a Potsdam, onde carruagens do pape esperavam para o conduzir a Babelsberg.

O jantar era para as 4 horas. Assistiram SS. MM. o imperador e a imperatriz, o príncipe imperial da Alemanha, príncipe e princesa Guilherme, príncipe e princesa de Meiningen, príncipe e princesa Frederico Hohenzollern, os dois filhos da senhora infanta D. Antonia, o príncipe Leopoldo, filho do príncipe Frederico Carlos, o príncipe de Holstein, irmão da princesa Guilherme, o duque de Mecklenburgo e o príncipe Luiz de Baden. Uma banda de musica das *Guardes do corpo* tocou durante todo o jantar. O imperador bebeu á saúde de el-rei, que correspondeu pouco depois num pequeno discurso que muito impressionou SS. MM. e todos os principes. (Á publicamos este brinde e por isso não reproduzimos agora). Depois do jantar houve um passeio que durou uma hora de carruagem no Parque e em seguida partiu el-rei para Berlim, onde chegou a tempo ainda de assistir, á paisana, com seu segredo e á legação, á representação de uma pequena opereta de Strauss, intitulada *Zigeunerbaron*.

Hontem assistiu el-rei a uma caçada perto de Potsdam. S. M. mostrou-se como sempre, muito brilhante alador. E matou 4 veados. Ás 3 horas, com os mesmos convidados da vespera, jantou no palacio do príncipe imperial, *Neu Palais*. Este palacio foi construido por Frederico o Grande, querendo mostrar, depois da guerra dos 7 anos, que ainda tinha meios suficientes para fazer despesas enormes. É reputado o mais bello da Prussia. Depois do jantar dirigiram-se todos de carruagem a Babelsberg, onde estava preparado um *café* dado pela imperatriz. Alguns senhores de distincção e officias de Potsdam tinham sido convidados. Dançou-se depois do *café* até ás 7 horas.

Da volta á Berlim, S. M., á paisana, como na vespera, e acompanhado das mesmas pessoas, foi visitar á exposição de pintura. Esta exposição internacional foi organizada este ano extraordinariamente pela primeira vez em Berlim, com o idea de continuar todos os anos d'aqui em diante, da maneira a tornar-se permanente. O edificio que serve de galeria de quadros acha-se no meio de um jardim onde tocam todas as noites tres bandas de musica, uma das quaes se compoè exclusivamente de mulheres. No mesmo jardim ha restaurantes, cafés, um panorama representando Pergamo e o templo de Jupiter (Zeus), tal qual se supõe que devia ter sido edificad. S. M. percorreu tudo rapidamente, e, reconhecido pelo publico, que se achava em grande numero, foi saudado com simpatia e respeito.

Hoje (20), por despedida, jantou outra vez ás 3 horas em Babelsberg, depois houve um passeio num vapor da casa real no lago, que é bastante vasto. O imperador e a imperatriz não entraram no vapor, mas esperaram el-rei na ilha dos Pavões, onde se achava preparado um *lunch*. Foi depois d'esse *lunch*, e ao voltar para o vapor acompanhado dos outros principes, que el-rei se despediu do imperador e da imperatriz. Comovido, S. M. agradeceu á régia hospitalidade ao imperador, abraçou a imperatriz e entrou para o vapor. Emquanto este se afastava da ilha, el-rei mandou-se de pé, dizendo adeus aos venerandos monarcas, que o saudavam pela ultima vez.

A noite S. M. foi á Opera em Berlim

e para amanha em trem especial para Dresden.

Como se vê, em Berlim a recepção de el-rei foi excepcionalmente afetuosa, mostrando os illustres monarcas germanicos o maior apreço e a maior estima pelo esclarecido e simpatico rei de Portugal.

Explosão. — Refere o nosso pressado colega da *Soberania do Povo*, de Agueda, que na semana passada, em Gavinho, na freguesia de Oliveira do Hospital, estava uma mulher pisando pólvora num almofariz de pedra, e por não estar molhada, segundo se costuma fazer em tal caso, o lume produzido pelo toque da mão de ferro no almofariz produziu uma enorme explosão, que queimou a horrivelmente a mulher, cegando-a inteiramente, arremessou pelos ares duas crianças que estavam proximas, as quaes faleceram logo, e feriu ainda gravemente outras duas.

Creanças carbonizadas. — Na freguesia d'Anães, do concelho de Ponte de Lima, quatro creanças, das quaes a mais velha tinha 10 annos, aproveitando-se da ausencia do pai, que andava a regar, e da mãe, que tinha ido á missa, mataram-se num espiçeiro de vergas, cuja porta fica muito mais alta que o pavimento, e entretinham-se a assar maçãs; o fogo communicou-se a uma herva seca que ali estava, e depois a todo o espiçeiro, de modo que as pobres creanças appareceram horrivelmente carbonizadas.

O jornalismo em Braga. — A cidade de Braga possui actualmente as seguintes publicações periodicas:

Comercio do Minho, tri-semanal, catolico legitimista.

Constituinte, bi-semanal, constituinte.

Correspondencia do Norte, bi-semanal, progressista.

Crus e Espada, semanal, catolico legitimista.

Folha de Braga, semanal, progressista.

Norte, semanal, sem cor politica.

Domingo, semanal, sem cor politica.

Regenerador, bi-semanal, regenerador.

Despachos. — Efectuaram-se os seguintes pelo ministerio, das obras publicas:

Luiz de Figueiredo Pereira Pinto de Carvalho, 1.º aspirante do quadro do correio e telegraphos fora de Lisboa e Porto, nomeado, por antiguidade, 2.º official do mesmo quadro.

Manuel Pinho, distribuidor rural com exercicio no concelho de Vizeu, exonerado, por não ter tomado posse do referido logar no prazo de 30 dias.

João Ferreira Cabecinha, nomeado ajudante com exercicio na estação de Almeida.

Antonio Joaquim, guarda-liv auxiliar com exercicio em Santarem, exonerado, por ter declarado não querer continuar a exercer o seu logar.

José Pedro Torres de Carvalho, aspirante auxiliar da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, nomeado chefe da direcção telegraphica do distrito do Funchal.

Annuaire de l'Empire

Arte de viver 100 annos. — Viver 100 annos! É por um processo simplissimo, e muito barato! É apenas o individuo salgar-se. Mas... salgar-se internamente e não como se salga os peixes depois de mortos.

Nada mais simples. Nem mais eficaz. Segundo o abanço um dos mais distintos professores da universidade de Gand, Belgica. É ele o inventor d'este simplissimo processo de longa vida humana; o dr. Burggrave. É o seu processo, que vem arruinar os medicos e os cozeiros, está amplamente desenvolvido e provado: num volumoso tratado, que se está tirando ás centenas de milhares.

O sistema, repetimos, é o mais simples possível: o emprego do sal que, pela sua teoria, é o preservativo de todas as moléstias. É por isso o illustre professor principia por protestar contra os impostos do sal, que deve ser livre em toda a parte. Não é da teoria regeneradora. O dr. Burggrave afirma que a saúde não é um efeito do acaso. As leis que regem a vida são, diz ele, phenomenos calculados e regulares e basta conseguir que eles se produzam sem obstaculo.

Ora o sal, segundo a sua teoria, é o grande agente regulador. O individuo modica o sal. O sal, diz elle, modica a vida. Tem o sal o poder de restituir os elementos que lhe faltam.

se instante d'amo conversára por largo tempo em coisas que não é bom lembrar, sobretudo dizendo-as com a mesma indiserção que ela, a velha beata que passára a sua vida quasi toda aos beijos pela igreja, depois do cruel precipicio em que todas as mulheres se afundam. E a gentil albidinha, limpando duas pequenas lagrimas que lhe queriam virregar as faces morenas, teve um ligeiro momento de meditação, e logo começou cantando, com a sua voz harmoniosa, não sei que quadras melancolicas, ao som das paheadas do tear, que batia o tampo da manskid, n'um baque baque, baque monotonico e cheio de poesia ao mesmo tempo.

Defronte, n'uma casita terrena, chamuscada de fumo, com o telhado de colmo e as portas escuras da traga, morava a velha beata. A velha beata que passára a sua vida aos beijos pela igreja, depois do cruel precipicio em que todas as mulheres se afundam. Gostava d'ella d'aquella gentil albidinha, frágua do peito mais forte em formosura, e invejada por todas as mais raparigas do sitio, a quem ella cortava submissa sem conhecer o odio profundo que as suas faces morenas faziam rebentar no coração das outras.

Uma tarde, quando o tear batia o fio, mansuetudo, n'um baque baque monotonico e cheio de poesia ao mesmo tempo, a tecedeira cantava com a sua voz harmoniosa não sei que quadras melancolicas onde havia procezas com collares de perolas finas e marquezinhos de espadim lúcido. A madriaba tinha saído n'esta

manha para ser bom sangue. Ninguém poderia accusar o sr. Burggrave de descobrir um remedio complicado!

Elle apresenta como prova da poderosa influencia que attribue ao sal muitos e muy variados exemplos. A punição mais severa que outrora existia na Holanda para os soldados era dar-lhes pão sem sal.

Ora quando se queria matar o soldado, bastava lhe o n'osso regimen durante tres mezes. Evitava-se a sentença capital e a sua execução aparatosa.

No fim do ultimo século manifestou-se, em Saxa, uma terrivel epidemia, muito análoga ao escorbuto. Por uma série de trancas complicadissimas descobriu-se que quem fazia uso exagerado do sal não era atacado: applicou-se o sal como preservativo e como remedio, e a epidemia extinguiu-se como que por encanto.

Thica, o sal e o remedio infallivel, instantaneo, milagroso. O illustre professor foi, ha anos, ver um doente, que já abandonado da medicina, estava nos paroxismos. Estava na pele e no osso: o calico tinha sido incommensuravel. Era lar de já, mas... por descargo de consciencia, o professor receitou-lhe... agasalhada em grande dose, e foi-se embora não pensando mais n'ello. Um ano depois é procurado por um colosso, um rapagão gordo e corado, respirando saúde por todos os poros. Era o fisco. O quasi morto, curado pelo sal.

Para o colera, o sal é o remedio soberano. O illustre clinico cita o exemplo dos camponeses russos que durante uma grande epidemia do colera, se preservaram todos, tomando fortes doses de sal no leite, que era o seu principal alimento. Eufim o dr. Burggrave tem o sal como a verdadeira panacea para todas as moléstias. Sómente, diz elle, o remedio é tão simples que... ninguém se tinha lembrado d'ello.

O sal evitando as moléstias, garante a longevidade, certa, infallivelmente. O homem precisa, alanca ele para ser saudavel, de tomar 20 grammas de sal por dia, em tempos, normaes. Toda a sciencia do medico, n'esta medicina, é lembrar, reduzir-se, na opinião do sábio professor, a regular as doses precisas no estado morbido. E nada mais.

Não nada mais simples. E vamos a morrer só do velhice. E bem; depois d'esta simplissima teoria, se deixar morrer antes dos 100 ou 150 annos é...

O por que não acredita na doutrina do sábio professor. No que talvez faça mal. Ou porque quer proteger as farmacias. No que talvez faça bem.

Homens de estado bulgaros. — Dragan Zankoff, a alma da conspiração que custou o trono ao príncipe Alexandre, nasceu em 1828, em Sistova, na Bulgaria danubiana. Após os seus estudos nas universidades de Ollessa e de Híef, foi para Viena, onde atraiu a atenção do mundo illustado pela publicação de algumas obras de linguistica. As perturbadoras revoluções da Bulgaria surpreenderam-no quando estava no estrangeiro. Patriota ardente, pregou nas chancelarias europeas a libertação da sua patria do jugo musulmano.

Em 1860 foi a Paris, a fim de pedir o apoio de Napoleão III, promettendo que, liberada a Bulgaria, abraçaria a religião catholica romana. O imperador foi seduzido n'um momento por estes projectos do politico slavo, mas não lhe deu seguimento.

Desiludido, Zankoff partiu para Constantinopla, apresentou as suas homenações ao gran-visir e tornou-se funcionario turco, na qualidade de vice-governador de Varna e de Rustchook.

Em 1876, depois da pacificação da peninsula dos Balkans, abandonou este paiz, e dirigiu-se a todas as capitais para protestar contra os horrores da Bulgaria.

D'alli a pouco a Bulgaria constituiu-se em principado, mas o ardente defensor dos seus direitos não fez parte dos primeiros ministerios. O príncipe Alexandre desconfiava d'este grande espirito activo e independente. O seu espirito autoritario e tendencias radicais põem-no em conflito com os ministerios plenipotenciarios, e ao fim do ano, deixava a presidência do conselho em Caravloff, ficando com a pasta do interior. Foi n'este anno que esteve por pouco a occupação da Bulgaria pela Austria.

Zankoff, compromettera-se a adherir aos desejos do gabinete de Viena na questão pendente da commissão do Danubio, e mostrara ao conde Khevenhuller, repre-

sentante da Austria, instruções n'este sentido ao agente diplomatico bulgaro.

Mas Zankoff andava a jogar com paiz de dois bicos: o seu agente feroz prevenido de trabalhar em sentido contrario ás suas instruções, e votou contra a proposta austriaca. A Romania tinha sido vinta da mesma duplicidade e os gabinetes de Viena e de Bucharest uniram-se para pedir o afastamento de Zankoff. Perante a resistencia d'este ultimo, o príncipe Alexandre decretou a sua demissão para salvaguardar a honra e a consideração do principado.

O ex-ministro poz-se á frente da opposição e deu, cheque, de acordo com Karavloff, a todos os actos politicos do príncipe Alexandre. Andou tão bem o tão mal que o acucar de alta traigão, sendo o reido durante o tempo na prisão de Vozatza.

Su. p. p. ao porte do partido russo, não tardou que não tivesse em desintelligencia com o príncipe. A ruptura acentuou-se a ponto que os generaes Saboteff e Halbars uniram-se com Zankoff para obrigarem o príncipe Alexandre a reconhecer a constituição de Tirovna. Zankoff prestou-se a esses desejos, agrupando em roda de si os liberaes e radicacs.

N'este meio tempo o gabinete russo dava ordens aos seus representantes para que vollessem para traz, e emquanto que o príncipe Alexandre declarava espontanamente que acceitava a constituição de Tirovna.

Em n'estas circunstancias que Zankoff, apenas livre da sua retenção, formou pela segunda vez um ministerio de colligação, reservando para si a pasta do interior.

O gabinete caiu, sendo substituido por Karavloff.

Zankoff possui um verdadeiro temperamento de homem de estado. Conhece bem o paiz.

Este homem occupa um dos primeiros lugares entre os bulgaros da geração actual.

Os seus inimigos qualificam-no de orador, medico, ex-ministro-inepto, de administrador inhabil. Não lhe podem perdoar a acção directa, que tem sobre as massas.

Quando a Karavloff, irmão de um poeta bulgaro que morreu no fim da guerra turco-russa, tem lutado longos annos na imprensa e na tribuna pela liberdade da sua patria.

A camara dos communs com susto. Lhe-se uma folha estrangeira:

N'uma d'estas ultimas noites houve um panico indeserivel na camara dos communs de Inglaterra. Um dos secretarios viu do seu lugar um embrolho suspeito de baixo de um dos bancos onde se senta a minoria irlandesa. O banco estava deserto; o secretario dirigiu-se para ele com certas precauções e as suas suspensas con-

verteram-se em susto ao ouvir que de dentro do embrolho sabia um ruído semelhante ao que produz o machico de um relógio.

Está aqui uma machina infernal!

Exclamou.

Em um abrir e fechar de olhos os respeitaveis deputados estavam de se collocar a respeitavel distancia da sala das sessões.

Prevenida a policia da camara, esta enviou um constabular a objecto suspeito, quando se apresentou o representante irlandez Mac-Cartag, que vinha do restaurante, e disse que aquelle objecto lhe pertencia, tirando-o das mãos do constabular e tornando-o a collocar debaixo do banco.

No fim de contas, a machina infernal não passava de um relógio de fogão que o deputado irlandez comprara. No entanto o susto não foi pequeno.

A baroneza James de Rothschild. Falleceu no dia 2 em Boulogne-sur-Mer, na idade de 83 annos, a baroneza vivia James de Rothschild.

Era filha do barão Salomão de Rothschild, banqueiro em Viena, e neto de Mayer Anselmo Rothschild, de Francfort, o primeiro banqueiro fundador da casa Rothschild. Casou com um tio, já falecido, o barão James de Rothschild, que fundou a celebre casa bancaria Rothschild em Paris.

A fundação baroneza era de uma caridade inextinguivel, e conservou sempre a administração superior dos estabelecimentos hospitalares ou de educação creanças e dotados por ella e pelo marido.

Ao enterro concorreu uma multidão imensa, notando-se no cortejo numerosos

seus bordados simples e gratiosos que a natureza sabe dispor com arte.

O postigo cerrou-se mansamente, e uma vez fechado nada mais se apresentou n'aquella pequena casa da tecedeira, onde ás tardes o tear batia o fio das meandas n'um baque-baque monotonico.

Na soleira da porta, encostado sobre umas palhas, dormia socegado o galo pardo da visinha. De quando em quando o seu miado-miado arrastado, dolente, prolongava-se n'uma cantilena de trovador infeliz pelas ruas da aldeia, onde havia um silencio religioso, quasi celestial. E uma vez que o galo pardo olhava para a fechadura da porta, á espera de que algum-lhe abrisse a porta, e guardava, viu sair da vida de dentro furtivamente com as asas coladas, uma pequeninha borboleta de cores gúlficas, envergadura talvez d'alguns beijos quentes e suaves que a ingenua tecedeira recebia da boca do cavaleiro misterioso. E o galo pardo, panta-se a imaginar uma entrevista tenebrosa, uma cidade horivel, em que fora posta de rasmo a honra da sua querida tecedeirinha, d'aquella morena de olhos rasgados que muitas vezes, quando o tear batia o fio mansuetudo, lhe juntava com o pé monotonico de colmo, para elle se deitar e dormir como um príncipe em leitos de noivado. E teia uma vingança contra o cavaleiro misterioso, enquanto miava agoramente: chorosamente, n'um lido arrastado de notas tristes como lagrimas. Alias, horas, quando o galo pardo já se ia retirando de cansado n'uma cantilena de trovador infeliz pelas ruas da aldeia, sentiu que uma porta se abria, voltou-meira a loucura de confiar o seu cora-

mentos do Instituto de França e muitas notabilidades do mundo politico, literario e financeiro.

Os dramas do ciume. — Havia n'uma povoação dos Calvados, França, um velho de 63 annos, que entrelinha relações intimas com uma rapariga formosa, que tinha tomado como criada.

Essa rapariga, que ainda não tinha completado 20 annos, apaixonara-se por um visinho de seu amo.

O velho desconfiava d'essas relações e, ha dias, fingindo que ia para a casa, pegou n'uma espingarda e saiu. Os dois amantes aproveitaram o ensejo para uma entrevista, mas o velho, regressando logo a casa, veio encontrar os juutos.

Vendo-se descobertos, os dois fugiram para um celeiro, onde o velho, assegurado, desarreagando á queima roupa um tiro no seu rival, matando-o instantaneamente, e em seguida, outro na rapariga, penetrando á bala no ventre da desgraçada, que ainda assim teve forças para fugir.

Depois, o terrivel velho, tornou a carregar tranquilamente a espingarda, e em terceiro tiro fez saltar os miolos.

Quando as autoridades chegaram havia tres cadaveres no local onde se passára tão terrivel tragedia.

Concilio do Sul

Lisboa, 9 de setembro de 1886.

(Do nosso correspondente)

Vai, no que parece, batendo em retirada a grande azáfama de ir-se á feira de Belem. No domingo, 5, regulou por um tempo da do anterior. Tudo tem sua época.

E depois, ainda que os transportes para ali é d'alli sejam commodos e baratos: 80 reis no americano, 60 no ripet, e 40 ou 50 (pró ou ré) no vapor, ainda assim, pequenas adições formam uma grande soma, que reunida ao custo de meia dúzia de queijadas, um capilé de cavalinho, um linguado frito, uma galinha para o bebê, uma boneca para a filha, o cassoço, á indaga, etc., etc., tudo varia e incomoda; e uma, duas e tres vezes, vai a braga; mas quatro, cinco e seis é de malhar; e por conseguinte esfrim os furoros, e passam as ocoegas; nem d'outro modo pôde explicar-se a frieza, que se vai notando e acceitando cada vez mais.

Por 8 horas da noite, quando em passada junto ao teatro das Variadões, dizia uma senhora, senhora porque estava de chapéo, em corpo, e luziam-lhe nos pulsos as pulseiras, e no peito um broche que parecia a bandeira d'um candeiro de latão: «com mil ditzas, sempre que venho á feira tenho ardeles; não volto cá mais!»

«mas vamos por ali, mamã — não queira; não são d'ahi sem que venha teu papá».

Estava zangada e escamada que nem uma barata: pelos modos o marido tinha ido comprar os bilhetes para irem ao teatro, e demorara-se mais do que ella queria; e quem sabe se mesmo algum mau exemplo assaltaria o cerebro de s. ex.ª!

Ali proximo está um café-concerto, servido por nhas. Olhem que é celebrada e imediatamente substituída por outra. E se se quer saber, o que se passa de noite, não se sabe.

Merece ser lido e analisado o artigo O posto de sargento ajudante, publicado num jornal do Porto de 2 do corrente. Lido, analisado e comentado terá sido nos quartéis, certamente. Lemos n'ello verdades nhas e puras; crús, sim; mas verdades, ainda que não sejam todas, e que ninguém, nem mesmo os que com ellas se magoarem, poderão contestar. Esboçamos o alcance de todas as intelligencias; entram pelos ouvidos, ainda os mais tapados, e penetram na intelligencia, a mais romba e obtusa. Para confirmar quanto ali se estampou, poderíamos apontar alguns fatos muito recentes, fatos friantes, que, talvez, o autor d'aquelle artigo ignore, e que não deixaríamos de corroborar quanto n'ello se disse. Não os aponto hoje (quem sabe se o farei mais tarde), porque não quero ir, meter-me agora em assunto, que me parece estar bem entregue na pessoa do sr. S. F., que não tenha a satisfação de conhecer. E provavel, de esperar até, que s. ex.ª o sr. ministro da guerra reponha as coisas no seu unico e verdadeiro estado, porque, reconhecidamente, como effectivamente está, a asneira, é de absoluta necessidade o acabar-se com ella. Não é muito crível que um 1.º sargento, que por tempo de 8, 10 ou 12 annos 1.º sargento foi: isto é, que preceheu os deveres de tal posto, não esteja nos casos de ser sargento ajudante.

Está aqui uma machina infernal!

Exclamou.

Em um abrir e fechar de olhos os respeitaveis deputados estavam de se collocar a respeitavel distancia da sala das sessões.

Prevenida a policia da camara, esta enviou um constabular a objecto suspeito, quando se apresentou o representante irlandez Mac-Cartag, que vinha do restaurante, e disse que aquelle objecto lhe pertencia, tirando-o das mãos do constabular e tornando-o a collocar debaixo do banco.

No fim de contas, a machina infernal não passava de um relógio de fogão que o deputado irlandez comprara. No entanto o susto não foi pequeno.

A baroneza James de Rothschild. Falleceu no dia 2 em Boulogne-sur-Mer, na idade de 83 annos, a baroneza vivia James de Rothschild.

Era filha do barão Salomão de Rothschild, banqueiro em Viena, e neto de Mayer Anselmo Rothschild, de Francfort, o primeiro banqueiro fundador da casa Rothschild. Casou com um tio, já falecido, o barão James de Rothschild, que fundou a celebre casa bancaria Rothschild em Paris.

A fundação baroneza era de uma caridade inextinguivel, e conservou sempre a administração superior dos estabelecimentos hospitalares ou de educação creanças e dotados por ella e pelo marido.

Ao enterro concorreu uma multidão imensa, notando-se no cortejo numerosos

seus bordados simples e gratiosos que a natureza sabe dispor com arte.

O postigo cerrou-se mansamente, e uma vez fechado nada mais se apresentou n'aquella pequena casa da tecedeira, onde ás tardes o tear batia o fio das meandas n'um baque-baque monotonico.

Na soleira da porta, encostado sobre umas palhas, dormia socegado o galo pardo da visinha. De quando em quando o seu miado-miado arrastado, dolente, prolongava-se n'uma cantilena de trovador infeliz pelas ruas da aldeia, onde havia um silencio religioso, quasi celestial. E uma vez que o galo pardo olhava para a fechadura da porta, á espera de que algum-lhe abrisse a porta, e guardava, viu sair da vida de dentro furtivamente com as asas coladas, uma pequeninha borboleta de cores gúlficas, envergadura talvez d'alguns beijos quentes e suaves que a ingenua tecedeira recebia da boca do cavaleiro misterioso. E o galo pardo, panta-se a imaginar uma entrevista tenebrosa, uma cidade horivel, em que fora posta de rasmo a honra da sua querida tecedeirinha, d'aquella morena de olhos rasgados que muitas vezes, quando o tear batia o fio mansuetudo, lhe juntava com o pé monotonico de colmo, para elle se deitar e dormir como um príncipe em leitos de noivado. E teia uma vingança contra o cavaleiro misterioso, enquanto miava agoramente: chorosamente, n'um lido arrastado de notas tristes como lagrimas. Alias, horas, quando o galo pardo já se ia retirando de cansado n'uma cantilena de trovador infeliz pelas ruas da aldeia, sentiu que uma porta se abria, voltou-meira a loucura de confiar o seu cora-

de preferencia a um, que embora tenha as divisas de 1.º sargento (às vezes por que é filho do sol e da lua, e afilhado do sete estrela e das tres marías) não sargenteou, nem dos seus deveres tem noções, e é mais moderno. Repito, o assumto está bem entregue, e por conseguinte cale-se, da minha parte, quanto a maza cantar podia.

Das determinações do general Boulanger, ministro da guerra francez: «1.º Mourir pour la patrie! Sim!... 2.º acabar com as saudações feitas com as bandeiras, por isso que, sendo estas a imagem da patria, não devem inclinar-se ante personalidade alguma...» É provavel que algumas das nossas camaras municipais, que se julgam com todo o direito a que lhes sejam abastidos os estandartes militares, se não conformem com aquella disposição, que não será fora de tempo adotar-se entre nós, para se acabarem allas exigencias caricas e sem razão de ser. Ainda não ha muito tempo, que por causa d'isso abi se deu uma questão risivel, e por conseguinte nada edificativa.

Com as mãos na massa, também devo dizer, que não sei em que se fundou certo official, comandando uma força, para se recusar a fazer a continência ao governador civil, em exercicio das suas funções e devidamente fardado, quando as ordens lhe concedem a continência de general.

Ha certas catarrices, que mais ridicularizam do que ilustram quem as tem.

Ainda ha pouco dizia eu n'uma correspondencia para o *Campo*: «horrorisam as noticias dos crimes cometidos em Paris e Madrid. Felizmente entre nós as coisas ainda não chegaram a tanto.» Retiro a expressão; porque o que no dia 5 se perpetrou no hospital Estofiano, e revestido das circunstancias agravantes, que o precederam, é tão revoltante, que, pode dizer-se, sem exemplo entre nós: É o resultado do desregramento dos costumes e da falta do temor de Deus.

Parece impossivel que se tenha tolerado e tolere uma engenhosa escamoteação, que, na feira de Belem, e em tres volumes! São umas mezas circulares, que no centro tem a prumo uma alavanca, ou como melhor queiram chamar-lhe, sobre que gira um ponteiro. A meza está cheia de bugigangas: garrafas e garrafinhas, copos, bandejas, etc., etc., que comovidas as sopeiras (e não sopeiras tambem) a fazer girar o ponteiro, median-te a esportula de 20 reis (barata, feia, quando alguns dos objectos podem valer 5, 8 ou 12 vintens). Gira o ponteiro; para na direcção d'uma d'aquellas impadas. A sopeira alia o dente, vai a largar-lhe a maosinha, mas dizem-lhe: «alto!; o que a menina tem a receber é um rollo de lhas d'algodão, ou um anelinho de chumbo, um alfinete ou um lapis, um cochocho ou beribamba, um agulha, uma canela, etc.» (que não vale 5 reis), que está exteriormente collocado na mesma direcção do ponteiro, e que serve de muralha de defesa ao chamarriz-jurra, garrafa, copo, bandeja, etc., que nunca podem ser indigitados pelo ponteiro; por que a bugiganga, que lhes serve de esportula, é imediatamente substituída por outra. E se se quer saber, o que se passa de noite, não se sabe.

Merece ser lido e analisado o artigo O posto de sargento ajudante, publicado num jornal do Porto de 2 do corrente. Lido, analisado e comentado terá sido nos quartéis, certamente. Lemos n'ello verdades nhas e puras; crús, sim; mas verdades, ainda que não sejam todas, e que ninguém, nem mesmo os que com ellas se magoarem, poderão contestar. Esboçamos o alcance de todas as intelligencias; entram pelos ouvidos, ainda os mais tapados, e penetram na intelligencia, a mais romba e obtusa. Para confirmar quanto ali se estampou, poderíamos apontar alguns fatos muito recentes, fatos friantes, que, talvez, o autor d'aquelle artigo ignore, e que não deixaríamos de corroborar quanto n'ello se disse. Não os aponto hoje (quem sabe se o farei mais tarde), porque não quero ir, meter-me agora em assunto, que me parece estar bem entregue na pessoa do sr. S. F., que não tenha a satisfação de conhecer. E provavel, de esperar até, que s. ex.ª o sr. ministro da guerra reponha as coisas no seu unico e verdadeiro estado, porque, reconhecidamente, como effectivamente está, a asneira, é de absoluta necessidade o acabar-se com ella. Não é muito crível que um 1.º sargento, que por tempo de 8, 10 ou 12 annos 1.º sargento foi: isto é, que preceheu os deveres de tal posto, não esteja nos casos de ser sargento ajudante.

Está aqui uma machina infernal!

Exclamou.

Em um abrir e fechar de olhos os respeitaveis deputados estavam de se collocar a respeitavel distancia da sala das sessões.

Prevenida a policia da camara, esta enviou um constabular a objecto suspeito, quando se apresentou o representante irlandez Mac-Cartag, que vinha do restaurante, e disse que aquelle objecto lhe pertencia, tirando-o das mãos do constabular e tornando-o a collocar debaixo do banco.

No fim de contas, a machina infernal não passava de um relógio de fogão que o deputado irlandez comprara. No entanto o susto não foi pequeno.

A baroneza James de Rothschild. Falleceu no dia 2 em Boulogne-sur-Mer, na idade de 83 annos, a baroneza vivia James de Rothschild.

Era filha do barão Salomão de Rothschild, banqueiro em Viena, e neto de Mayer Anselmo Rothschild, de Francfort, o primeiro banqueiro fundador da casa Rothschild. Casou com um tio, já falecido, o barão James de Rothschild, que fundou a celebre casa bancaria Rothschild em Paris.

A fundação baroneza era de uma caridade inextinguivel, e conservou sempre a administração superior dos estabelecimentos hospitalares ou de educação creanças e dotados por ella e pelo marido.

Ao enterro concorreu uma multidão imensa, notando-se no cortejo numerosos

seus bordados simples e gratiosos que a natureza sabe dispor com arte.

O postigo cerrou-se mansamente, e uma vez fechado nada mais se apresentou n'aquella pequena casa da tecedeira, onde ás tardes o tear batia o fio das meandas n'um baque-baque monotonico.

li-sceptica, combinando-se com os pequenos corpos albuminosos, e nós temos esta acção benéfica nos vinhos taninosos, menos sujeitos a perigos de fermentação secundária.

As folhas contêm também o óleo essencial de eucalypto, chamado no commercio *eucalyptol*, e empregado hoje na therapeutica como anti-séptico energico.

O sr. C. T. Kitzett diz, na sua obra "Nature's hygiene", que a ilha de Maurício a infusão das folhas de *Eucalyptus* foi usada com tão bons resultados no tratamento das febres paludosas, que as folhas chegaram a vender-se lá a 120 reis cada uma!

O aroma balsamico que exhalam os *Eucalyptus* é proveniente das folhas.

Segundo o sr. Kitzett, o óleo de eucalypto absorve o oxygenio atmosphérico sob a influencia da acção do sol, dando origem a varios compostos oxidados, cujo ponto de ebulição é mais alto do que o dos hydrocarburetos originaes. Esta reacção é acompanhada pela formação de peróxido de hydrogenio H_2O_2 .

Possuindo esta molecula mais um átomo de oxygenio do que a agua H_2O , e tendo o segundo átomo de oxygenio uma afinidade chimica mais fraca do que o átomo restante para os dois átomos de hydrogenio, separa-se facilmente dos seus companheiros e liga-se a átomos d'outras moleculas, oxygenando-as.

A acção purificadora dos desinfectantes resumia-se geralmente á oxygenisação, como, por exemplo, se dá com o permanganato de potassa, sanitas, etc.

Suppõe-se que o aroma que exhalam as folhas dos *Eucalyptus* oxygenisa os corpos com que faz contacto, quando as moleculas d'esses corpos sejam avidas de oxygenio, ou, por outra, desinfectam esses corpos.

Além d'isso, as experiencias do sr. Kitzett provaram que os óleos volatéis, como o dos *Eucalyptus*, formam não só o peróxido de hydrogenio — um desinfectante poderoso — mas também o ácido camphórico — um anti-séptico.

A casca de *Eucalyptus* contém óleo volátil e tanino, cuja acção preservadora e anti-séptica é bem conhecida, nos paizes vinhateiros.

A arvore despe-se gradual e successivamente das camadas exteriores da casca; estas cahem ao chão, e, naturalmente, exercem uma acção purificadora sobre a terra e as aguas.

Os fructos e as capsulas também cahem ao chão, e ajudam a produzir o mesmo phenomeno.

Toda esta arvore contém princípios preservativos: até a madeira os contém.

Segundo a análise feita á madeira do *Eucalyptus globulus*, por ordem do barão von Mueller, encontra-se n'ella as seguintes substancias:

Vermelho de eucalypto, ácido sylligallico, ácido eucalyptico, eucalyptol, sílica, ácido eucalypto-retico, ácido eucalypto-gallico, ácido eucalypto-tanico, ácido eucalypto-gomma e substancias saccharinas.

O barão von Mueller diz também que, para construcções de casas, a madeira do *Eucalyptus globulus* é considerada incorruptivel. Isto é devido, provavelmente, não só á densidade d'esta madeira, mas também ás substancias preservativas contidas n'ella.

Parece que a habitação n'uma floresta de *Eucalyptus* deve produzir effeito salutar nas pessoas affectadas de doenças como a tísica.

O effeito do óleo volátil do *Pinheiro* é muito similhante ao dos *Eucalyptus*, e o sr. Kitzett inventou um modo de fabricar, muito economicamente, o peróxido de hydrogenio.

Quando o óleo de terobintina ou o de eucalypto for exposto á acção da atmosphera, absorve o oxygenio e dá origem a um peróxido organico, que fica dissolvido no óleo e lhe communica propriedades similhantes ás de ozone e peróxido de hydrogenio.

Como esse óleo é volátil, estas propriedades são communicadas á atmosphera contigua.

Se o óleo oxidado for tractado com agua, ou se a oxidação do óleo for operada na presença de agua, o que é o mesmo, então, examinando-se a solução aquosa, encontra-se peróxido de hydrogenio acompanhado d'um composto camphoroso com a formula $C_{10}H_{18}O_3$. Juntamente com estes princípios productos encontram-se pequenas percentagens de ácidos acético, fórmico e camphórico, e uma outra substancia que, quando isolada, se conhece ser de natureza camphorada e oleosa.

Para a exploração industrial d'este processo formou-se em Londres uma companhia que tem dado muito bons dividendos. Aos preparados da fabrica deram o nome de *sanitas*, e fabricam líquidos desinfectantes para uso dos hospitales e para *toilette*. Estes preparados têm a vantagem rara n'uma desinfectante de não prejudicarem a roupa. E' innocuo e barato.

Por aqui se vê a benéfica acção hygienica dos *Eucalyptus* e dos *Pinheiros*.

Os *Eucalyptus*, principalmente, têm uma acção muito notavel, e convinha que todas as administrações dos concelhos dessem o exemplo, mandando proceder á plantação d'estas arvores nas localidades sujeitas ás febres intermitentes.

A plantação de *Eucalyptus* em linhas pode trazer, também, muito beneficio ás culturas, formando abrigos contra as nortadas fortes, que atiram muito o crescimento das plantas.

Se conseguirmos sanear os logares sozinhos, daremos um passo importantissimo no caminho da prosperidade do paiz. As seções camphorosas soffriam as limitações em diferentes pontos de Portugal, roubam multissimos dias ao trabalho e produzem um estado chronico de abatimento não só physico, mas também moral.

Nos habitantes das localidades onde abundam seções nota-se uma cor amarelada e pallida, uma moleza e indolencia pronunciada, provenientes, sem duvida, d'estas doenças.

WILLIAM G. TAIT.

Communicados

FUNDAÇÃO DO OURO

Luiz Pereira de Souza Cruz & Filhos, proprietários da Fabrica de Fundação do Ouro, n'esta cidade do Porto, proximidades com as primeiras medalhas das exposições nacionaes, Industrial Portuense em 1861; Agricola de Braga em 1863; e Agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito da Exposição Universal de Viena d'Austria em 1873; e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Paris, em 1879.

Recebendo ha dias dos srs. Dias & Pereira, de Cea, a satisfactoria declaração que abaixo segue, dão conhecimento d'ella ao publico, para credito da industria nacional.

Tendo contratado em março de 1876 com os proprietários da Fabrica de Fundação do Ouro do Porto a construcção de uma maquina de vapor, locomotiva fixa, da força util avantejada, de 10 a 12 cavalos, por tal modo fomos bem servidos, que estando a maquina a trabalhar desde julho do referido anno até hoje, e a 5 meses seguidos em cada anno, e tendo decorrido o espaço de tempo de 10 annos, não precisou até hoje de concerto de qualidade alguma, nem da substituição de algum dos seus tubos, sendo como é do sistema de Paulin.

Passamos esta declaração como um voto de muito louvor, não só para maior honra e credito da Fabrica Constructora, como do seu engenheiro o sr. José Maria Ferreira da Cunha, ficando assim prova da admiravelmente boa construcção das maquinas e das caldeiras construidas na Fundação do Ouro, pois a verdade é, que ainda hoje a nossa maquina e caldeira funcionam com toda a perfeição e solidez, tendo 10 annos de trabalho, ainda que intermitente.

Escritura de Escrição em Quintela de Cea, 22 de agosto de 1888.

(Assignados) Dias & Pereira.

A RELIGIOSA

(De Aurelien Schol)

No quarto d'um rez-de-chaussée da avenida Montaigne, expirava uma mulher. Pela nudez e desconforto da casa, difficil seria descobrir a que classe da sociedade pertencia a moribunda.

A saleta deserta, vasta. Nem o mais insignificante movimento: Vellos cortinados de veludo azul pendiam ainda das janelas, sem duvida, porque ninguém os quizera levar, mesmo por preço indolito: veludo, veludo, amarelado, desbotado em cada prega, roído pelo pó, — o remedeos estofos.

Do que teria sido talvez casa de jantar, restava apenas uma cadeira de palhinha, escalfurada, e uma pequena mesa ordinaria, carregada de frascos e de garrafas de varias dimensões. No soalho, dois outros guarda-roupas enovelados, ainda buídos, uma espolja, uma terrina quebrada servindo de escarificador.

O quarto do cama era evidentemente o unico saposito, que os beleggins judiciais tinham popado na sua brutal visita.

O sobrado estava ainda coberto do tapete no fio. Junto do leito, uma cadeira colocada como guarita de sentinela.

Os cortinados ficaram, mas a vista experimentada do armador teria lorigrada, com certeza, pelo esgarçamento da musselina, que as rendas tinham sido arrancadas por mão rapace.

Dois toros de pinho fumugavam tristemente no fogão, aquecendo uma cafeteira, de onde emergiam duas ou tres frolas d'uma planta qualquer, coradas de espuma alvencina.

O rez-de-chaussée tinha janelas para um estreito pateo, ao meio do qual havia uma acacia rachitica, n'uma rodela de verdura, que as lagartas e os caracões devoravam pacificamente.

A arvore estava despida de folhagem; os ramos, negros, torcidos, convulsos de nós e de phalanges, esperavam os primeiros hálitos da primavera para restituir a sua nudez.

Magdalena, murmurou a enferma, tenho sede.

Uma mulher de cinquenta annos, que estava de pé, junto da janela, abeirou-se do leito e verteu algumas gotas d'um remedio em um copo de agua. Depois, ergueu a cabeça da enferma, descendo-a no braço esquerdo encovado, e aproximou-lhe o copo dos labios e perguntou: Agora soffre mais, sr.ª condessa?

— Sim, tenho fome, aqui, respondeu a doente, pondo sobre o peito a mão escarvada.

Esta mulher, que se extinguia assim, n'uma alcova derreta, era a condessa de San-Castell, de quem tanto se falou ha alguns annos.

Do seu luxu passado restava-lhe um chaile do Oriente, escarlate escuro, brochado de ouro, no qual ainda se agasalhava, á falta de roupas e de colza.

Não estava ainda esquecidos os triumphos mundanos da condessa; e mais d'um príncipe, na Europa, conservava a medalha em que os feijões do idolo caído respiram o doce e sorridente perfume da sua bela mocidade.

A cabeleira negra parece, ao presente, fátiga com o peso da opulencia a sua cabeça esvaziada e enfraquecida; a vida fugiu-lhe já das faces encovadas; a sua fronte desbotou na pallidez-baga e mortal.

A tosse, secca e as guindadas, rasga-lhe o peito; as suas trinta e cinco annos, a condessa tem o selo fatal da morte.

Um soberano que a enriqueceu, partiu antes d'ella para a região onde vão as almas d'aquelles que se temem.

O príncipe X... seu terceiro amante está arruinado; é um parasita que vegeta á custa dos amigos, e, naturalmente, a esta hora, andará á cara.

O banqueiro L..., que brindou a condessa com um palacio na avenida de Jena, está em circumstancias de não poder pagar os saldos de differenças opera-

ções financeiras. Milagre será escapar dos tribunaes. A falencia pessoal não foi declarada, mas a sociedade que elle dirigia caiu no lixo das suas sociedades.

Raul está na Africa com o seu regimento; Gontran casou; Adriano desapareceu; Edward é pretendente a um emprego publico. O vento da ruína soprou desapaesadamente sobre os seus adorados de outr'ora. Os dois ou tres, que lhe ficaram, ficaram cansados com os repetidos pedidos de dinheiro; um outro está collocado n'uma região muito alta para que se possa chegar até elle.

A condessa vendeu as joias, uma a uma; depois das joias, as *toilettes*; depois das *toilettes*, a mobília.

Só um unico amigo lhe ficou, o dr. D..., a quem fez a fortuna; mas esse mesmo, enredado em falsas especulações e pela desgraça dos tempos, vive difficilmente do preço das suas visitas. Comtudo vem ver a condessa de San Castelli todas as manhãs, e depois de cada visita, deixa um louis sobre a banquinha da cabeceira, por debaixo do castigal.

Esse louis, que a condessa e a criada devem até hoje a existencia material.

Magdalena, que viu equipagens e diamantes, que conheceu quinze laçãos e cinquenta amourosos, não se resignou ainda a acreditar que esse belo tempo não voltará jámais.

Quando ao marido da condessa, coisa estendendo a nuca conheceu sua esposa. O casamento foi feito pelo príncipe de Deus-se ao descendente d'uma grande familia um emprego de tres mil francos em troca do titulo. Vin a noiva durante a celebração da cerimonia nupcial, depois de tomar posse do logar, e aconchegou-lhe as vezes ler nos jornaes com medeio interesse, que a condessa de San-Castelli alcançava ruidosos triumphos em St. Petersburgo e em Paris.

Não lhe parecia que fosse sua mulher, nem se dava por entendido em tal; com effeito era a mulher dos outros, e quando o interrogavam a esse respeito, o condé respondia firmemente:

— Parece-me que é uma prima que sempre leve grande queda para a doideira.

Magdalena passara mais de trinta noites, sentada na cadeira de braços, á cabeceira do leito da ama.

O doutor disse: — Esta pobre mulher precisa descansar. Temos as irmas da Esperança, cuja missão é velar pelos enfermos. Esta noite lhe enviarei uma.

Com effeito, ao anoitecer, pequeno ruido seco, o que produz o cordão do timbre tremulando na molda partita, indicou a chegada de personagem estranho.

Magdalena foi abrir a religiosa, segurando.

— Os remedios estão aqui; este é para dar de dez em dez minutos; aquele, todas as horas. A lenha que alli está, ainda chega para esta noite.

Magdalena foi recolher-se ao leito d'uma criada da casa, vizinha, sua pariente; a irmã Esperança substituiu-a no seu logar, na velha cadeira de braços.

A condessa pediu agua.

A irmã levantou-se, desceitou, enfiou a enferma, em vez de beber, flocos os seus grandes olhos negros no rosto da religiosa.

— Que idade tem? perguntou ella.

— Dezoito annos, senhora.

A condessa murmurou:

— Dezoito annos!

Bebeu com avidoz e, descendo sobre as almofadas, replicou:

— Sabe que vou morrer?

— Ninguém me disse nada, minha senhora; talvez ainda haja possibilidade de salvar-se.

— Salvar-me! exclamou a condessa com ironia; para que, que faria, que vinha eu a fazer? A vida é a mocidade, a beleza. Já estou morta; minha vida.

A religiosa abriu o livro de rezas da sua ordem, que sempre a acompanhava, e começou a ler.

Essa oração, — dezoito annos — linha o mais adoravel rosto que um artista pôde sonhar, a beleza inverosimil e radiante, na doçura e santidade.

A toca branca, que lhe emoldurava a fronte, pura como o marfim, occultava-lhe os cabelos, mas deixava ver o desolado das sobrancheiras, que pareciam traçadas a tinta da China, tão perfeita e correcta era a linha.

O nariz, reto e pequeno, arqueava-se ligeiramente nas narinas, enquanto que, dos labios docemente agitados, a oração, uma inflexão de suspiro, se evolia como se evolia o perfume d'uma flor.

A condessa de San-Castelli contemplava-a com admiração, com inveja.

— Diga-me, exclamou ella de repente, os seus votos são perpetuos?

— Sim, minha senhora.

— Como se chama?

— Soror Rosa de Lima.

— Mas... o seu nome de familia?

— E'-me prohibido dizel-o.

— Porque?

— Opõe-se a regra da ordem.

— Pôde dizer-me se ainda tem paes?

— Não tenho.

— Sua mãe?

— Não a conheci.

— Seu paé?

— Morreu.

A condessa murmurou:

— Do queim nasceu esta admiravel creatura? que rapa produziu esta flor maravilhosa? porque doloroso acaso um vestido de burel amortalha este modelo de graça e de harmonia?

— Fatigada de tão persistente investigação, soror Rosa de Lima perguntou docemente:

— Quer uma gota de agua com assucar?

— Não, obrigada, respondeu a condessa.

Mas, de repente, ajuntou:

— Minha querida filha, meite-me dó.

— Está mais morta do que eu! A minha, talvez uns pulhados de terra sepultem não só o meu corpo, mas a recordação do que foi. Emborral tive na vida tudo que ella pôde dar-lhe, pobre creatura, só terei conhecido as quatro paredes da cela, as grades, o silencio, o pão du-

ro, a estamena, a oração e a austeridade. Quando eu entrava n'uma sala, levantava a minha passagem o murmuro da animação. Fiz chorar de raiva rainhas e princezas. Os cavalos relinchavam á porta do meu palacio, e os adoradores faziam alas nas escadas. Cingi a fronte d'um diadema que Semiramis teria invejado; e fiz fundir, mais perolas do que Clopaltra. Debaixo das varandas dos meus jardins, serenatas; a meus pés, homens que outras mulheres amavam, e que só me amavam. O ruido, o movimento, o luxo, todos os aromas da lisonja; e tudo isso esgotei, sem me afastar d'uma divisa indelivel: brilhar, seduzir e não amar! Pobre creatura, tudo isso teries se quizesse.

A religiosa levantou-se.

— Que está d'andis, minha senhora? protestou ella com humildade. Não conheço, não vou que são as verdades que lhe produzem essa ultima vertigem? Tem tudo isso, creio, mas só muito mais feliz do que foi. Se eu precisasse de consolação, a historia de Maria, a irmã de Marta, seria sufficiente. A vida contemplativa substituiu para mim a vida activa.

No fundo da minha solidão, gostei de me abstrair em adorações mudas, e esqueço o mundo que passa — em vista do mundo que não passa.

A voz da joven religiosa adquirira uma sonoridade cheia de entusiasmo; os seus olhos elevaram-se para uma visão superior.

— Ha pouco, ajuntou ella, falou-me do meu paé. Recolhi o seu derradeiro suspiro e a sua suprema benção. Cultivo essa querida recordação como planície preciosa, e receitaria velar a faar, e emulheres-fóra do abrigo a que me acolhi.

A condessa interrompeu-a.

— Valdades? disse valdades? e o que é a vida? sem o cortejo da embriaguez e dos prazeres? Nas paixões humanas ha, ás vezes, o gigantesco. Ser belo; é reinar, comprehendendo? Um cavalheiro que me amava, mais-se a meus pés; meu nome que a nenhuma outra deu.

— Foi adorada como uma deusa da antiguidade. Ser rival de Dea, eleva nos a uma altura terrivel. Por muito pequena que seja a nossa vida, engrandecemos-nos pelos jubilos, pelos triumphos, e adquirimos importancia particular pela profusão dos nossos desdens e pelo numero das nossas victimas!

Soror Rosa de Lima poz a mão sobre os labios da enferma, como para obstar a esse fogão de palavras.

— Febre, tem muita febre, disse ella; blasfema e faz-me muito mal. Arrependa-se, senhora, e repito: toda a sua existencia tem sido vaidade!

A sr.ª de San Castelli pareceu relutir.

— E comtudo, amei... murmurou ella; amei uma vez na minha vida. Tinha dezesseis annos. Que é feito d'ella?

O turbilhão arrebatou-a.

— Oit se o tivesse, a minha vida teria sido mais doce. Abra aquele cofre, irmã, pegue-o. Estão ali os meus papeis, a certidão do meu baptismo? Florença, 10 de outubro de 1772. Maria Teodora Dalt.

A religiosa avançou lentamente para o leito, mãos cruzadas.

O homem que amou, murmurou ella, chamava-se então Gabriel?

— Sim, afirmou a moribunda; Gabriel de Berys.

— Foi elle que me educou.

— Seu paé?

— Gabriel de Berys.

A condessa continuou com desvaireamento:

— E nasceu em Italia? ele trouxe-a para França depois da minha traição. E está morto?

A pobre mulher soluçava. Soror Rosa de Lima calou de joelhos, occultando os seus olhos.

A condessa apertou-lhe as ancia, cobrindo-lhe as de beijos frios, apaixonados.

— Não sabia quem eu era, entrando aqui?

— Meu paé nunca preferiu o nome da condessa de San Castelli.

— Com effeito; para ele fui unicamente Teodora Dalt. E, diz-me, como morreu, que te disse?

— Morreu, uma das mãos na minha, outra na mão do seu melhor amigo. Um velho... um sacerdote.

A condessa ergueu a filha.

— U's a minha redenção! exclamou ella. Morreré em paz? Vae chamar-me esse padre para me ouvir de confissão.

(Trad.) AGNELO OSCAR.

Olhei então e vi que se ia aproximando, saindo de traz de uma rocha, um homem alto, de barba completamente branca, empunhando um grosso canhão, e trazendo ás costas uma maleta de riscado e um alforge, e enfiada no braço uma caldeira de cobre. Um verdadeiro tipo do pastor das cabras, algarvio.

— Salve-o Deus! disse-me elle quando chegou onde eu estava.

Deus o salve! respondi. Que historia é essa da caverna do excommungado? perguntei cheio de curiosidade.

— É uma historia verdadeira, senhor. Essa historia succedeu nos meus tempos de rapaz, e toda a gente por aqui a sabe. O senhor não é cá dos sitios?

— Sou d'aqui a umas cinco legoas.

— Pois admira que o senhor a ignore. Ella deu brado por todo esse Algarve. Já lá vão uns bons quarantos annos!

— Se recomeçasse não se incommodasse pedia-lhe a mim contasso.

— Nada, não me incommoda. Já tenho as cabras no curral, e por isso estou ás suas ordens.

O senhor vai ouvir uma pequena historia, e por ella verá que isto de partidos é o demónio que cega os homens, e leva-os a praticar grandes maldades. Homens conheci, no meu tempo de rapaz, a quem todos julgavam uns santos, mas que se tornaram uns demónios, quando foi a guerra da D. Miguel, e com o irmão. Houve tal, que depois de ter matado um malhado, ia dar graças a Deus, por lhe ter deparado tão boa fortuna! Emfim, o sol está quasi posto, e, antes que seja noite de todo, vou contar-lhe o que ha a respeito d'esta caverna. Como homem honrado, que me preso do ser, dou-lhe a minha palavra que não lhe contarei senão a verdade. O senhor poderá tirar informações. Não ha homem do meu tempo por esses sitios, que não saiba a historia que vou contar-lhe.

Pelos fins de junho do anno de 1833, a que nós, os camponeses, chamamos o anno do barullo, desembocaram nas praias de Casella, vindo do Porto, com muita tropa o duque da Terceira. Aposas consulto em Faro o desembargador da divisão expedicionaria, o general realista conde de Molleto, deu ordem para as suas forças retirarem para o Alentejo, de forma que, em muito pouco tempo, o duque da Terceira, fazia proclamar, em quasi todo o Algarve, rainha de Portugal, a sr.ª D. Maria II, não sendo necessario derramar uma gota de sangue.

O duque seguiu logo para o Alentejo, entrando em Lisboa a 24 do julho, mas deixando atraz de si os povos revoltosos pois que, se alguns de boa vontade abraçavam as ideias liberais, outros, pelo contrario, permaneciam aferrados ás suas antigas opiniões, do que resultou a guerra civil que tão desastrosa foi a todo o reino.

Entre os que ficaram fiéis ao regimento, estavam o prior de St. Bartholomeu da Messines, e o seu côadjutor, os quaes apenas souberam que a divisão liberal se dirigia aquella povoação, fugiram deixando as suas ovelhas sem pastor.

Aposas o governador do bispado soube esta deserção mandou para alli o padre João da Matta, que então estava na villa de Loulé, homem d'um comportamento exemplar, adornado de virtudes, que o tornavam geralmente bemquisto.

A esse tempo já havia reunidos nas terras proximas alguns bandos de guerrilhas, que capitaneados, pelo celebre guerrilheiro Remediado, começavam a invadir algumas povoações, e a viogrem-se nos malhados.

O padre João da Matta professava as ideias liberais, e constando-lhe um dia que os guerrilheiros vinham descendo a serra a caminho de St. Bartholomeu, e receando d'elles alguma aggressão, fugiu para a freguezia de Salir, e morava em um compadre seu, a quem João da Matta tinha dispensado, em tempos, muitos e grandes beneficios, por esperar encontrar na casa d'elle um asylo seguro. Pobre victimia que apezar dos seus annos, e da tua sciencia, não sabia que as paixões politicas cegam os homens, fazendo d'alguns verdadeiras bestas!

Apenas o compadre avistou o infeliz, corre para elle, assanbado, e ordena a um filho que o matasse, dando-lhe para isso uma espingarda.

Meu paé, respondeu o filho, muito horrorizado, eu não lhe obedeco. Perdome, mas é menor o peccado desobedecer, que matar o meu padrinho, que é um santo a quem nós devemos tantos beneficios!

Pois desobedeceu a teu paé, maldito? Não me importa! Eu me encarrego d'isso!

E em seguida arranca a espingarda das mãos do filho, e corre para o pobre João da Matta, que de joelhos, mãos erguidas para o ceo lhe pedia que lhe poupasse a vida, não, por elle proprio, mas por tantos desgraçados, a quem servia de amparo.

No entanto o maldito a nada se moveu, e desfachou contra o padre que cahiu morto com o coração varado por uma bala.

Este nefando crime causou um tal horror á sua propria mulher e filhos, que fugiram do assassino, como de um cão danado; e nunca mais quizeram viver na sua companhia.

Vendo-se elle assim abandonado, andava por aquellos campos, não tendo domicilio certo.

Um dia foi a Loulé, e entrou na egreja de S. Francisco, a tempo em que se celebrava a missa. O celebrante voltava-se d'essa occasião para o povo, e como avistasse o assassino, e o reconhecesse, clamou em alta voz:

— Eu não posso continuar com o santo sacrificio da missa, porque está substituido a ella um excommungado, que com seus sacrificios, se atreveu a matar o unigénito do Senhor!

Eu estava então na egreja e o senhor não imagina o que succedeu!

Aquella exclamação o povo levantou-se espavorido, e todos fugiam para evitar o contacto do excommungado, Al-

guns mais animosos lançaram-nos aos empurrões para fóra do templo, de forma que o homem vindo-se repellido por todos, não podendo apparecer em parte alguma, não recolher-se n'esta caverna onde morreu comido pelos vermes.

Passados alguns mezes depois da morte do excommungado, passando eu por aqui, mellei-me-me na cabeça ir ver o que havia na caverna. Nunca eu alli tivesse entrado!

Teria dado uma duzia de passos quando deparei com uma coisa medonha! Um esqueleto estava a um canto da caverna, parecendo uma sentinella galbo-leira, pois viam-se duas ordens de dentes, brancos de novo, parecendo que aquella bocca ia abrir-se para dar uma gargalhada.

Eu fiquei como petrificado, e pareci-me até que o esqueleto se mexia e estava quasi a esperar-me. Elle me disse: boas tardes, pastor!

